
Consciência como líder servidor: o meu percurso pessoal

“Se quisermos exercer uma liderança que provoque mudanças, temos de estar dispostos a sermos capazes de mudar nós próprios”

(Kahane, 2010. P)

Ao estarmos atentos às emoções, comportamentos e reações, os líderes servidores maristas tornam-se mais conscientes de si mesmos e isso nos ajuda a amadurecer em nosso papel.”

Ir. Vincent Uchenna Abadom

Educador, Provincial
Província de Nigeria



Comecei meu papel de líder sonhando. Sonhei com uma província onde todos são valorizados e onde lhes é dada uma ampla oportunidade de serem o melhor que podem ser, onde o trabalho em equipe é altamente valorizado em todos os níveis da vida da província, onde os idosos e os jovens são bem tratados. Sonhei com uma província onde os sentimentos tribais, as divisões e outras barreiras darão lugar a pontes e a uma autêntica fraternidade. Sonhei com uma província onde a vida nova é gerada e alimentada para florescer.

Para que todos estes sonhos se tornassem realidade, fiz um esforço consciente para compreender exatamente as minhas capacidades através da autoavaliação e do feedback dos outros. Isso ajudou-me a identificar os meus pontos fortes e fracos, bem como os da minha província, e as oportunidades à nossa disposição que temos de aproveitar para resolver alguns dos nossos desafios. Tornou-se um pouco mais claro para mim como os meus traços de personalidade, hábitos e capacidades afetam as minhas interações com as pessoas e as coisas à minha volta; afetam bem o conhecimento das realidades dos meus irmãos e da minha província.

A liderança é uma questão de relacionamento e nenhuma transformação pode ser possível a menos que se desenvolva a sensibilidade em relação à condição humana. Se não conseguirmos relacionar-nos bem, então será muito difícil para nós liderar bem. De facto, qualquer sistema que não esteja impregnado de humanidade não funcionará e não poderá funcionar. Consequentemente, o facto de estar atento aos meus talentos, comportamentos e emoções permite-me aceitar as minhas vulnerabilidades e preconceitos ocultos e aperceber-me de quando estes se manifestam, especialmente quando as coisas não correm como esperado. Tomei consciência de que posso ser muito exigente no trabalho e que quero que as coisas sejam feitas bem e a tempo. Ao fazê-lo,



algumas pessoas têm dificuldade em seguir o meu ritmo. Posteriormente, aprendi a abrandar o ritmo para poder acompanhar toda a gente.

Além disso, permitiu-me desenvolver mais empatia quando estou a lidar com as pessoas, sabendo que existe verdade no ditado “ninguém é perfeito”. Aprendi a escutar atentamente e com o terceiro ouvido, de modo a compreender profundamente o que a outra pessoa está a dizer e o que ela quer dizer, mas não consegue.

A autoconsciência permite-me conhecer os meus objetivos e saber como alinhá-los com os da minha província. Dotado deste conhecimento, pude comunicar eficazmente à minha equipa, em termos mais claros, as metas e os objetivos da Província.

Com o conhecimento de mim próprio e da minha província, sinto que, na maioria dos casos, tomei decisões sobre as quais estava verdadeiramente informado. Isso contribuiu de forma significativa para o crescimento da minha província. Sabendo que cada um de nós traz algo consigo para o crescimento da Província, consegui criar um espaço onde todos se sentiram valorizados, confiantes e capacitados para serem suficientemente criativos e contribuírem para o crescimento da Província. Por outras palavras, soube promover a colaboração e a inovação que conduziram ao sucesso de toda a província.

Em conclusão, a autoconsciência é uma competência de liderança importante que todos devem desenvolver. Proponho vivamente a prática de uma vida de reflexão contínua para os nossos



líderes e para todos os que lidam com os outros seres humanos. No meu caso, não brinco com os meus 30 minutos de meditação diária e os 15 minutos de exame de consciência antes de me deitar. Estas práticas ajudam-me a aprofundar a minha consciência de Deus e a minha ligação a mim próprio e aos outros. É da maior importância processar e refletir sobre as situações antes, durante e depois de cada acontecimento. Tudo isso requer honestidade e, ao mesmo tempo, exige bondade para consigo próprio ao aceitar e lidar com o que vou descobrindo. Isto ajudará o líder a desenvolver a autoconsciência e uma compreensão mais profunda de si próprio e dos outros que o rodeiam. Além disso, vale a pena o líder estar consciente do impacto que as suas ações e inações têm nos seus seguidores, o que pode ser facilmente descoberto através das suas reações. Na maioria das vezes, estas reações podem não ser comunicadas verbalmente, mas as suas atitudes e comportamentos em relação aos seus deveres dirão tudo. Além disso, um líder que queira desenvolver a autoconsciência não deve ter medo do feedback. Deve ser capaz de encorajar os seus subordinados a partilharem com ele as suas verdadeiras impressões sobre ele. Por último, o líder deve estar sempre pronto a reconhecer abertamente os seus erros, em vez de transferir para os outros as culpas.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it